



ABRE ASPAS EUNICE RODRIGUES
PSICOTERAPEUTA

**«O corpo hoje
é visto como
um objeto »**

A porta da casa está aberta. Eunice Rodrigues caminha por um jardim sem muros, um dos poucos no condomínio que se mostra por completo a quem o olha de longe. Ela acena e volta a casa. Sua sugestão é que a conversa aconteça em uma sala ampla. Em cima há um mezanino e uma claraboia. Um sofá em L forra parte do chão. Quando olha nos olhos, Eunice parece curiosa e serena. Demonstra um interesse cuidadoso em tudo o que ouve. Fala baixo. A algumas perguntas ela responde convidando o interlocutor: "Vamos pensar juntos". Revelaria em seguida que, além de escutar, observar é igualmente importante em seu trabalho. Formada na segunda turma do curso de psicologia da Ufba, Eunice é especializada em biossintese, psicoterapia que trabalha pela integração de corpo, mente e espírito. Sua origem está no legado de William Reich, e seu método inclui observação dos gestos, exercícios de respiração e mesmo contato físico com o paciente. Foi durante um curso de mestrado em Londres, no fim da década de 1970, que Eunice descobriu a abordagem. Lá, ela foi aluna de David Boadella, psicoterapeuta criador da biossintese. Durante o curso, submeteu-se ao método. Depois dele, tornou-se pesquisadora do assunto. Em 1990, fundou o Centro de Biossintese da Bahia (biossintesebahia.com.br). Hoje, integra um grupo internacional e ministra cursos e workshops no Brasil e no exterior. "Aquilo me encantou. Até hoje descubro coisas novas", ela diz. Nascida em Senhor do Bonfim, interior da Bahia, Eunice visita com regularidade a capital inglesa e a Suíça, onde revê colegas e o próprio Boadella, de quem se tornou amiga. "Ele está com 82 anos. Quando o encontro, ele brinca: você não tem mais nada para aprender. O que eu vou ensinar a você?". Nesta entrevista, concedida em uma tarde de sexta-feira, Eunice falou dos problemas do homem contemporâneo, de sua relação com o corpo e de como a biossintese pode ajudá-lo a ser feliz.

Texto **DIEGO DAMASCENO** ddampac@gmail.com
Fotos **FERNANDO VIVAS** fvivas@grupoatarde.com.br

Como é hoje a relação que a senhora mantém com o seu mestre, o psicoterapeuta britânico David Boadella?

Eu fui aluna dele quando ainda fazia o mestrado em psicologia humanística em Londres, depois eu me interessei pelo estudo sistemático desta metodologia, tendo estudado com Boadella ao longo de muitos anos. Ele agora tem 82 anos. Quando o encontro nos cursos na Suíça, onde ele mora atualmente, ele fala num tom de brincadeira "você não tem mais nada para aprender", "o que mais vou ensinar a você?".

E o que significa estar em contato com o criador da biossintese?

Observo as mudanças na sua prática ao longo desses anos. Mudanças no criar e no pensar. A biossintese me deu oportunidade de integrar meu interesse precoce pelo movimento à prática clínica. Porque ela lida com a intencionalidade do movimento, os campos motóricos afetivos, com os ritmos vegetativos. Consideramos que a linguagem não verbal é muito importante. É uma psicoterapia somática profunda, de origem reichiana, que busca a transformação das

emoções em campos mais abertos do existir. Reich chamava a atenção para nossa conexão com a natureza, com as plantas, os animais, com os ritmos básicos da vida. Temos uma sabedoria no corpo que nos orienta no sentido de buscar a autorregulação. Para o ser humano, esse foi um aprendizado evolutivo, longo, de milhares de anos, e está registrado no nosso cérebro. Quando estes ritmos estão descompensados, surge o sofrimento e a doença.

A senhora fala muito em movimento e em conexão...

A biossintese busca criar espaço para a expressão da intencionalidade latente dos movimentos, a gestualidade, a respiração, nossos ritmos corporais, a postura, a fala. Poder olhar e ser olhado, tocar o corpo, essa interação é importante. Para algumas abordagens psicoterápicas, tocar é um tabu, e Reich rompeu com isso. O toque, não só o físico, mas o toque com o olhar, energético, o toque com as palavras.

Mas o que é o corpo?

Nessa abordagem, o conceito de corpo é muito amplo, abrange além do físico, ossos, músculos, tendões, muitas outras dimensões: é vitalidade, sexualidade, emoções, sensações, imagens, pensamentos, sonhos. O self está num movimento contínuo, procurando se equilibrar dentro dessas variáveis, dessa riqueza. Nos puxões e empurrões da vida, vamos de um lado para o outro buscando o equilíbrio. Ora estamos mais mentais, ora estamos mais nas sensações, ora no mundo dos so-



nhos. Como alcançar esse equilíbrio? A biossíntese propõe a integração dessas diferentes dimensões por meio da restauração de pontes, uma metáfora de que gosto muito. Essas pontes estão no nosso corpo, são os diafragmas do nosso corpo, com sua funcionalidade. Ajudamos as pessoas a contatarem essas pontes dentro de si e a reintegrá-las. Essas pontes podem ter sido rompidas em função de conflitos, traumas ou abandono, e não houve oportunidade de aprender a utilizar seus recursos. Nesse caso, falamos de um déficit de aprendizagem.

Então, quando nascemos, essas diferentes dimensões do ser estão desorganizadas, fora de sintonia?

Os bebês em geral têm um incrível potencial de movimentos. No entanto, as pesquisas atuais sobre a vida intrauterina revelam que, desde cedo, essa integração corpo-mente pode ser rompida, causando transtornos graves ao psiquismo.

Em sua opinião, qual a importância da fala na biossíntese?

A linguagem é muito importante. Ela integra. Ela é enraizadora, no sentido de que engaja o sujeito no

«Todos buscamos a inteireza. Acho que dentro do código genético do ser humano está registrado esse sentimento. E é preciso se reconectar com esse lugar»

social, traz para um mundo compartilhado. Somos privilegiados por ter a linguagem verbal, então nós podemos usá-la de diferentes formas.

Tocar o paciente ainda é um tabu?

Sim. Para algumas abordagens, é provocar um nível de intimidade que invade os limites da pessoa. Mas, se pensarmos nas dificuldades emocionais que se estabeleceram na fase pré-verbal, elas estão alojadas diretamente na sensoriedade. O toque, nesse sentido, é terapêutico, porque, muitas vezes, o que faltou foi o contato físico. Mas é necessário sempre se orientar pelo momento no vínculo com o cliente. Ele pode dizer não. E há corpos que você evita tocar, porque são erotizados.

O que acha da literatura de autoajuda?

Ajudam quem busca uma resposta a uma questão interior. Trazem conforto, embora não duradouro. As questões internas retornam, depois, porque não foram manejadas de forma profunda.

E ler um filósofo, um Lucílio, um Comte-Sponville, até o próprio Freud, é uma alternativa melhor?

Sim, porque ajuda a organizar o mental. Tudo o que você conhece provoca um questionamento. Mas também não é a solução. A mudança requer uma orientação e uma sustentação do outro que olha, reconhece. Mesmo no processo da meditação é imprescindível um mestre. Às vezes, surge um conteúdo assustador e você não sabe lidar com ele. Aquele que apoia, que dá um colo no sentido real ou figurado, é muito importante, mesmo que seja um amigo e não um psicoterapeuta.

Na visão da senhora, para o psicoterapeuta, qual o papel da filosofia?

É fundamental. É importante se questionar sobre o significado da vida, seu propósito, os valores, a ética. A biologia também é importante. Hoje, as pesquisas nessa área estão enriquecendo a psicologia, trazendo informações muito valiosas, como as pesquisas de Rupert Sheldrake sobre os campos morfogenéticos. Zygmunt Bauman também é um pensador interessantíssimo. Ele refere-se a uma desintegração, uma fissura entre o sentir e o pensar. No mundo contemporâneo, o papel das imagens está ocupando o lugar de

nossa real humanidade. A imagem do corpo perfeito. O corpo hoje é visto como um objeto. Um objeto que precisa ser malhado, alimentado de forma correta etc. Os excessos da moda. Mas está faltando essa pergunta: o que eu sou nesse corpo? Como existo nele?

Parece-me que há, atualmente, uma grande urgência em realizar desejos. Desejos sexuais, desejos materiais...

Mas essa urgência de que você fala diz respeito a uma sexualidade que é exercida como performance. Arrisco a dizer que falta um contato real entre as pessoas.